

## O MÉTODO DE ELIZABETH BISHOP NAS TRADUÇÕES DE OBRAS BRASILEIRAS.

Eduardo Luis Araújo de Oliveira Batista  
Mestrando em Estudos Literários – FALE/UFMG

Apesar de não se considerar uma tradutora profissional, a poeta norte-americana Elizabeth Bishop (1911-1979), durante o tempo em que viveu no Brasil, entre as décadas de 50 e 70, dedicou-se a realizar várias traduções de obras literárias brasileiras para a língua inglesa, publicando-as em seu país natal. Mesmo que em conjunto as traduções formem um corpus reduzido, junto à sua obra concisa, e ao restrito número de obras brasileiras traduzidas e publicadas no mercado literário americano à época, esse corpus adquire uma nova proporção, o que justifica seu estudo.

Como poeta laureada e famosa, para Bishop a atividade da tradução não era uma prioridade. Na verdade chegava a declarar não gostar da tarefa. Parecia-lhe um trabalho extremamente dificultoso e pouco atraente. Enquanto escritora profissional, que vivia de prêmios literários e bolsas, e da publicação de seus livros e artigos, a tradução era vista como mais uma fonte de renda, provavelmente não a mais ideal. Declara em correspondência de 1963:

Passei a maior parte da semana traduzindo – como eu sempre digo, é a última vez que traduzo – (...) Sou contra, na verdade.<sup>1</sup>; e em 1968: [Wallace] Stevens diz nas cartas dele (acabei de ler todas) que tradução é perda de tempo – mas não concordo com ele de todo. Sempre obriga a gente a consultar o dicionário, o que é uma atividade proveitosa. (Ibidem, p.558) Em matéria de tradução geralmente acaba-se escolhendo o que se consegue fazer e não o que se gosta mais. Você tem razão quando diz que é o trabalho ideal para se ter em reserva – mas para mim é uma coisa que sempre me pareceu difícil demais, ou mesmo impossível – talvez por eu ser rigorosa demais (Ibidem, p.709).

---

<sup>1</sup> BISHOP, Elizabeth. *Uma arte*. As cartas de Elizabeth Bishop. Org. Roberto Giroux. Trad. Paulo Henriques Brito. São Paulo: Cia. das Letras, 1995. p. 735.

Seu rigor e escrúpulo, ao que parece, acabaram vencidos. Entre os textos que conseguiram vencer o escrúpulo tradutório de Bishop encontram-se poemas de Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, João Cabral de Melo Neto, Vinícius de Moraes e Joaquim Cardozo.

Como tradutora não-profissional Bishop não oferece um método baseado em alguma teoria. Seu método parece originar-se de suas próprias convicções sobre a criação literária. Na década de 60 manteve correspondência com Carlos Drummond de Andrade, com o intuito de trocar informações sobre as traduções que realizava de seus poemas. Nessas cartas comunicou-lhe seus progressos e dificuldades, e lhe pediu sugestões. Já a atitude de submeter o trabalho de tradução à apreciação do autor do texto revela sua preocupação em se manter fiel ao original e às *intenções* de seu autor. Em carta de 1963, dirigida a Drummond, diz:

Comecei com este ['Viagem na família'] porque a meu ver ele é relativamente fácil de traduzir para o inglês – espero que o senhor confie em mim quando lhe digo que em inglês o poema é muito comovente, tanto quanto em português. A tradução está bem literal – fora umas liberdades mínimas referentes à pontuação, etc, para conservar a métrica. (...) Tentei também trabalhar com alguns dos mais curtos, rimados – são quase impossíveis, é claro, por causa das rimas – (...) Vou redigir uma nota explicando as deficiências das traduções. Eu o escolhi ['Viagem...'] justamente porque me deu a impressão de passar para o inglês espontaneamente, com muito poucas mudanças nos verbos. É claro que se perde uma infinidade de coisas em termos de musicalidade, conotações, etc – mas assim mesmo saiu um bom poema em inglês (Bishop, 1995:733).

Podemos observar nas declarações acima algumas idéias que indicam a prática tradutória de Bishop. Em primeiro lugar Bishop diz ter escolhido o poema em questão por ser “fácil de traduzir”. Imaginamos o que se quer dizer com isso e encontramos a resposta logo: “a tradução está bem literal”. O poema foi escolhido por ser fácil de traduzir, e essa facilidade consiste na possibilidade de sua tradução literal, entendida como o ideal de uma boa tradução. Pressupõe-se

ainda que sendo *literal* está-se mantendo o *sentido original* do texto: “confie em mim quando lhe digo que em inglês o poema é muito comovente, tanto quanto em português”. Além de oferecer a possibilidade de uma tradução literal o texto, para ser traduzido, precisa se encaixar adequadamente nas formas poéticas vigentes na tradição literária em língua inglesa: “mas mesmo assim saiu um bom poema em inglês”. Dessas observações podemos destacar dois pontos principais: - (1) o conceito da tradução literal como o método ideal de tradução; - (2) a adequação do texto traduzido às formas literárias existentes na língua alvo como condição de traduzibilidade (e, portanto, de qualidade).

A prática da tradução literal de Bishop parece advir da forma como traduzia suas imagens em poesia. Seu poder de observação e sua descrição precisa são qualidades exaustivamente reverenciadas em sua obra poética. Em entrevista a David W. McCullough (realizada em 1977), Bishop diz que a maior herança que teve de Marianne Moore foi a precisão (*accuracy*).<sup>2</sup> Seu sentido de precisão levava-a a extensas pesquisas sobre os temas de seus poemas, assim como a se assegurar de sua correção *histórica*: gostava de relatar nos poemas os fatos como realmente lhe aconteceram em todos os detalhes. Seus poemas descrevem situações reais, como as casas que perdeu, descritas em ‘One art’, a viagem de ônibus, em ‘The moose’, e a revista “National Geographic” que leu numa sala de dentista em 1918, descrita em ‘In the waiting room’. Já após a publicação desse poema Bishop veio a se desculpar por ter se enganado quanto à edição da revista: havia confundido as edições de março e abril (Bishop, 1996:73). Algo parecido havia acontecido com o poema ‘The fish’, como revela:

Eu sempre digo a verdade em meus poemas. Em ‘The fish’, está exatamente como aconteceu (...) Ah, mas eu mudei uma coisa: o poema diz que ele tinha cinco anzóis pendendo de sua boca, mas na verdade

---

<sup>2</sup> BISHOP, Elizabeth. *Conversations with Elizabeth Bishop*. Ed. George Monteiro. Jackson: University Press of Mississippi, 1996. p.73. (Esta e outras citações originalmente em inglês foram traduzidas pelo autor deste artigo)

havia apenas três (...) Mas eu sempre tento manter-me tão próxima quanto possível ao que realmente aconteceu quando descrevo algo em um poema (Bishop, 1996:42).

Esse sentido de precisão metamorfoseia-se em seu trabalho tradutório na concepção de uma tradução literal. Seu sentido de precisão explica também as notas de rodapé presentes em algumas de suas traduções, onde de forma detalhada procura justificar suas escolhas, ou sua impossibilidade (no caso de termos intraduzíveis). A oposição entre tradução literal e tradução livre tem gerado um longo debate entre teóricos e tradutores. A tradução literal tem sido tradicionalmente defendida como o meio mais objetivo do tradutor se manter fiel às idéias do autor do texto a ser traduzido. Na tradução literal procura-se manter, dentro do possível, a estrutura sintática da língua de origem, através da tradução palavra-por-palavra. Já a tradução livre não trabalha com a palavra como unidade, mas o texto, ou mesmo a cultura em que ele se insere, não apresentando correspondência direta no nível sintático ou lexical. A tradução literal é indicada para a tradução de textos técnicos e científicos, mas é considerada inadequada para textos literários, especialmente a poesia. Ela prescreve uma equivalência formal entre os textos que não se realiza no nível semântico. Duas prerrogativas estão por trás da defesa da tradução literal: a primeira, a da possibilidade de uma representação mimética da realidade; a segunda, a da possibilidade dessa representação ser naturalmente compartilhada entre as diversas línguas.

Por trás da defesa da tradução literal encontra-se a teoria representacional da linguagem, que Derrida<sup>3</sup> chama de metafísica da presença. A metafísica da presença pressupõe, à linguagem, a capacidade de representação transparente de uma realidade que lhe é exterior. Essa visão encobre o que as modernas teorias, como o desconstrucionismo, defendem: que a linguagem não

---

<sup>3</sup> NIRANJANA, Tejaswini. *Siting translation*. History, post-structuralism and the colonial context. Los Angeles: University of California, 1992

é um meio transparente de representação da realidade, mas sim um meio de construção da realidade. A metafísica da presença, na qual se abriga a idéia da tradução literal, pressupõe a existência de uma essência original, de um sentido unívoco, aos quais o tradutor deve se manter fiel, literal. Segundo Niranjana: “a mais importante compreensão que a obra de Derrida propiciou aos estudos pós-colonialistas é a noção de que a origem é sempre heterogênea, que ela não é alguma fonte pura e unificada de sentido e da história” (Niranjana, 1992:39). Não há, portanto, uma presença original que possa ser resgatada, uma vez que o signo original é a escrita de uma escrita. A origem é por natureza uma tradução. “A metafísica tenta reapropriar a presença através de noções de adequação de representação, de totalização, de história” (Ibidem, p.40). Ao pressupor a existência de uma presença original que é resgatada/representada de forma inequívoca, bastando para isso ser *literal* ou *fiel*, encobre-se o caráter ideológico (não no sentido de um poder manipulador, mas de uma visão de mundo na qual se reveste a leitura) existente na construção desse sentido. Se assim fosse todas as traduções literais seriam iguais. A idéia da tradução literal mascara o ato do tradutor, que é considerado como um mero catalisador entre o texto original e sua versão na língua alvo (como parece pensar Bishop quando diz: “me deu a idéia de passar para o inglês espontaneamente”). Além de mascarar a presença do tradutor, a tradução literal pressupõe uma similaridade entre as línguas que não existe. Toda língua é única e irreduzível, uma vez que se forma a partir da realidade única que a cerca. Devido a essa irreduzibilidade não é possível que um texto encontre sua correspondência *literal* quando reescrito em outra língua.

A segunda questão apontada nas opiniões de Bishop sobre tradução é “a adequação do texto traduzido às formas literárias existentes na língua alvo como condição de traduzibilidade (e, portanto, de qualidade)”. Esse tipo de procedimento na tradução é chamado de domesticação do texto estrangeiro, e está diretamente vinculado ao modelo da tradução literal. Uma vez que a

tradução literal tem como prerrogativa manter uma equivalência sintática e lexical entre os textos, o que se pode considerar uma tarefa impossível, e quando possível, muitas vezes insatisfatória, os textos que não apresentam a possibilidade dessa equivalência formal são considerados intraduzíveis. O termo domesticação é usado pelo teórico da tradução Lawrence Venuti, em “The translator’s invisibility”<sup>4</sup> que o define como “uma seleção de textos receptíveis à tradução fluente”. Com esse procedimento, procura-se *domesticar* o texto às formas e normas da literatura receptora, fazendo com que seja lido como se tivesse sido escrito na língua de chegada, como se fizesse parte da tradição literária local. A prática da domesticação funciona como um filtro através do qual somente textos que apresentem compatibilidade de forma e sentido com as normas do sistema literário receptor sejam traduzidos. Nessa situação dificilmente um texto que apresentar um aspecto renovador ou desafiador às concepções que regem o sistema literário receptor poderá ser aceito. A idéia de uma tradução literal encobre o procedimento da domesticação, tornando implícita a idéia de que os textos traduzidos de forma *literal* apresentam *naturalmente* a aparência dos textos existentes na tradição da língua receptora, encobrindo o fato de que tenham sido escolhidos exatamente por essa possibilidade. A domesticação, através da tradução fluente, apóia-se na idéia da invisibilidade do tradutor. Uma vez que a tradução é apresentada como literal, uma mera transposição (“espontânea”) de sentidos e formas pelo tradutor, a ação transformadora que ele exerce sobre o texto (a começar por sua própria seleção) não pode ser considerada, tornando-se, portanto, invisível. Segundo Venuti:

Por trás da invisibilidade do tradutor está uma balança desfavorável que confirma a dominação global da cultura anglo-americana, mas também reduz o capital cultural dos valores estrangeiros em inglês limitando o número de textos estrangeiros traduzidos e submetendo-os à revisão domesticadora (Venuti, 1995:17).

---

<sup>4</sup> VENUTI, Lawrence. *The translator’s invisibility*. A history of translation. London: Routledge, 1995.

Para Venuti a domesticação encobre um ato de violência etnocêntrica, que ele identifica como uma postura dominante na história da tradução anglo-americana. Bishop poderia ser vista como representante dessa tradição, como ela própria declara: “quanto a mim, eu traduzo um poema apenas quando sinto que ele pode funcionar em inglês, quando posso preservar seu metro e ritmo”. (Bishop, 1996:77) A tradução domesticadora de Bishop pode ser confirmada pelo seu desgosto com relação aos experimentalismos formais e à importação de formas estrangeiras, como demonstram seus comentários contra o uso da forma *hai-kai* por seus alunos de redação e contra a proposta da nacionalização da linguagem literária de William Carlos Williams:

Nós temos uma riqueza de formas [poéticas] próprias que são adequadas à nossa língua. Eu digo formas inglesas, não americanas. Nós ainda somos mais ingleses do que qualquer outra coisa, e essa ‘língua americana’ da qual William Carlos Williams estava sempre falando é um disparate. Nós estamos escrevendo melhor poesia inglesa do que os ingleses estão escrevendo no presente (...) (Bishop, 1996:34).

Bishop recusou-se a traduzir muitos poemas de João Cabral por não passarem em seu critério de domesticação, como demonstra no seguinte comentário, em carta de 1961: “(...), os [poemas] dele [João Cabral] não ficam muito bons em inglês - muito compridos” (Bishop, 1995:710). No entanto, foi um dos poemas de Cabral que mais se revelou apto ao tipo de tradução praticada por Bishop, “Morte e vida Severina”. A tradução desse poema foi muito elogiada exatamente pela correspondência encontrada por Bishop entre sua estrutura formal, que remete à literatura popular de cordel, e a balada, forma poética considerada de tradição inglesa

(que originalmente, como se sabe, não é inglesa, e foi importada pelo escritor-tradutor Chaucer no séc XIV).<sup>5</sup> Em uma entrevista, Bishop descreve sua tradução:

Entrevistador: Há um poema no qual você parece ter descoberto algo brasileiro que foi vertido perfeitamente no antigo estilo da balada inglesa. O poema ‘Irmãos das almas! Irmãos das almas!’ EB: Foi um achado. Eu nunca fiz muitas traduções, e quase nunca fiz por encomenda, mas de vez em quando algo parece funcionar em inglês. Há um poema nesse livro, ‘Viajando na família’, que saiu muito bom, eu acho. O metro é quase exatamente o mesmo. Nada teve de ser mudado. Mesmo a ordem das palavras. Claro que a ordem das palavras naturalmente tem que sair diferente, mas este aconteceu de sair muito bom! (Bishop, 1996:85).

Para Venuti, “a invisibilidade do tradutor é sintomático da complacência nas relações anglo-americanas com os outros culturais, uma complacência que pode ser descrita – sem muito exagero – como imperialista no estrangeiro e xenofóbica em casa” (Venuti, 1995:17). Através da tradução domesticadora o texto estrangeiro é assimilado à tradição literária do sistema receptor. Essa assimilação, porém, não diz respeito à sua aceitação, inserção e conseqüente influência sobre o sistema literário receptor, mas assimilação no sentido de aparar as arestas e torná-lo palatável, diluído dentro da tradição receptora. Como afirma Venuti, a violência presente nesse ato de tradução deve-se à “reconstituição do texto estrangeiro de acordo com valores, crenças e representações que pré-existem na língua alvo, sempre configurada em hierarquias de dominação e marginalidade, sempre determinando a produção, circulação e recepção de textos” (op.cit. p.18).

A tradução literal, que aparentemente propõe manter máxima fidelidade ao texto original, pode acabar se tornando uma faca de dois gumes. Além das implicações ideológicas que podem

---

<sup>5</sup> DELISLE, Jean, WOODSWORTH, Judith. *Os tradutores na história*. Trad.: Sérgio Bath. São Paulo: Ática, 1998. p.41.

advir desse tipo de tradução, especialmente quando aliado à estratégia da domesticação, como acima demonstrado, a tradução literal termina por trair o texto poético, ao despi-lo das características que o definem como tal. Mantendo-se preso à estrutura sintática e à equivalência lexical o tradutor abandona a tentativa de uma equivalência no nível semântico. A tradução literal também coloca em segunda instância preocupações quanto ao ritmo e à “musicalidade” do poema. A repercussão dessa estratégia pode ser entrevista na análise que o Prof. Thomas Burns fez das traduções realizadas por Bishop dos poemas de Drummond.<sup>6</sup> Parece ser um consenso a opinião de que as traduções de Bishop não oferecem a qualidade esperada de uma grande poeta, assim como do pressuposto conhecimento de nossa cultura que a sua longa vivência aqui poderia ter-lhe proporcionado. Segundo Burns, os principais problemas encontrados nas traduções de Bishop devem-se ao seu precário conhecimento da língua portuguesa e ao emprego inadvertido do método literal para a tradução poética. Em seu trabalho, Burns conclui:

Resumindo, as traduções de Drummond feitas por Bishop não dão ao leitor a impressão de que ela estava em sua melhor forma: faltam-lhes o cuidado com a língua e a precisão no expressar que se aprendeu a esperar da poeta. Não sei se ela possuía ou não uma teoria de tradução, mas julgando a partir desses esforços parece haver uma preferência pela tradução mais cuidadosa do sentido, sem dar muita atenção tanto às nuances quanto aos efeitos rítmicos, mas com muita frequência, como tentei mostrar, mesmo o sentido foi deturpado. Pode-se suspeitar, julgando a partir de alguns de seus erros, que ela não havia dominado a língua bem o bastante para fazer um trabalho adequado. (p.11)

Apesar de questionáveis quanto à qualidade e à representação de nossa literatura, as traduções de Bishop são importantes por terem introduzido a moderna literatura brasileira nos EUA, até então praticamente desconhecida, assim como pela influência que esses textos vieram a

---

<sup>6</sup> BURNS, Tom. Bishop, translator of Drummond. In: ALMEIDA, Sandra R. Goulart. GONÇALVES, Gláucia Reanate. REIS, Eliana L. de Lima. The art of Elizabeth Bishop..Belo Horizonte: UFMG, 2002. p.102-112.

ter em sua própria poesia. Seria interessante, no entanto, que seus leitores tenham conhecimento do método presente em seu trabalho tradutório e de suas limitações - que se apresentam em todo trabalho de tradução.